

"Nada me faz correr para uma livraria mais rápido do que um romance novo de Eloisa James." – Julia Quinn

*Eloisa James*



QUANDO A BELA  
DOMOU A FERA





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.



*Dedico este livro à minha maravilhosa editora, Carrie Feron. Ela sempre me estimula a escrever o melhor que posso, mas desta vez seu trabalho elevou o romance a um patamar inédito. Ele é para você, querida.*

# Capítulo 1



*Fra uma vez, não muito tempo atrás...*

**G**arotas bonitas em contos de fadas são tão comuns quanto areia na praia. Leiteiras de pele branca e rosada andam ao lado de princesas de olhar sonhador e, se contássemos os olhos brilhantes de cada donzela, teríamos uma galáxia inteira de estrelas cintilantes.

Esse brilho torna ainda mais triste o fato de que mulheres reais raramente se igualam aos seus equivalentes fictícios. Elas têm dentes amarelados, ou manchas na pele. Têm a sombra de um bigode, ou um nariz tão grande que um rato poderia esquiá-lo.

É claro que há mulheres bonitas, mas mesmo estas estão propensas a todas as mazelas “a que a carne é sujeita”, como lamentou Hamlet há muito tempo.

Em suma, é rara a mulher que, de fato, ofusca o brilho do sol. Ainda mais uma mulher com dentes perolados, voz de cotovia e um rosto tão lindamente esculpido que os anjos chorariam de inveja.

Linnet Berry Thrynne tinha todos esses atributos, com exceção, talvez, da fala melodiosa de uma cotovia. Ainda assim, sua voz era perfeitamente aceitável e já haviam lido que sua risada era como o ressoar de sinos dourados e (apesar de não serem cotovias) como canções de pintarroxos.

Ela nem sequer precisava olhar para o espelho para saber que seu cabelo e seus olhos estavam brilhantes, e seus dentes – bem, talvez esses não brilhassem, mas eram bastante brancos.

Linnet era o tipo de garota que podia levar um cavaliço a feitos heróicos, ou um príncipe a atos menos intrépidos, como vencer uma trilha cheia de espinheiros apenas para lhe dar um beijo.

Porém, nada disso mudava um fato importante: desde o dia anterior, ela não podia mais ser considerada casável.

A calamidade tinha a ver com a natureza dos beijos e o que os beijos podem proporcionar. Apesar de que, talvez, seja mais correto culpar a natureza dos príncipes. O príncipe em questão era Augustus Frederick, duque de Sussex.

Ele beijara Linnet mais de uma vez; na verdade, ele a beijara muitas vezes. E tinha declarado veementemente o seu amor por ela, além de ter atirado morangos na janela do quarto dela certa vez, tarde da noite (o que causou uma tremenda sujeira e deixou o jardineiro furioso).

A única coisa que ele ainda não tinha feito havia sido pedi-la em casamento.

– É uma lástima que eu não possa me casar com você – disse ele, desculpendo-se, quando o escândalo se espalhou na noite anterior. – Nós, duques reais, você sabe... Não podemos fazer tudo o que gostaríamos. Meu pai está um pouco transtornado com essa questão. Sinceramente, é um desconsolo imenso. Você deve ter ouvido histórias sobre o meu primeiro casamento, aquele que foi anulado porque Windsor decidiu que Augusta não era boa o bastante, e ela é filha de um conde.

Linnet não era filha de conde; seu pai era um visconde e não tinha muita influência. Não que ela tivesse ouvido falar do primeiro casamento do príncipe. Todos os que a viram flertando com ele nos últimos meses tinham, inexplicavelmente, se esquecido de contar a ela que ele, aparentemente, tinha tendências a cortejar as moças com quem não podia – ou não devia – se casar.

O príncipe tinha feito uma reverência brusca, se virado e saído abruptamente do salão de baile, retornando ao castelo de Windsor – ou aonde quer que os ratos vão quando o navio afunda.

Isso tinha deixado Linnet sozinha, apenas com sua sorumbática dama de companhia e um salão repleto de nobres, uma circunstância que rapidamente a fez perceber que várias donzelas e matronas em Londres estavam impacientes – para não dizer exultantes –, convencidas de que ela era uma assanhada de primeira categoria.

Poucos minutos depois da saída do príncipe, não havia ninguém que a olhasse nos olhos; foi recebida com um mar de costas viradas para ela.

O burburinho da nobreza fofocando se espalhou ao redor de Linnet, como os sibilos de um bando de gansos se preparando para voar para o norte. No entanto, é claro, era ela quem tinha que voar – para o norte, para o sul, não importava, desde que fugisse da cena de sua desgraça.

A injustiça era que ela não era uma assanhada. Bem, não mais do que qualquer outra garota cortejada por um príncipe.

Ela gostou de ter conquistado o maior prêmio de todos: o príncipe louro e atraente. Mas não tinha nenhuma esperança concreta de que ele se casasse com ela. E, certamente, não ofereceria sua virgindade a um príncipe sem ter uma aliança no dedo e a aprovação do rei.

De qualquer forma, ela considerava Augustus um amigo, o que tornou ainda mais doloroso o fato de ele não a ter procurado na manhã seguinte à sua humilhação.

Augustus não foi o único. Na verdade, Linnet se pegou olhando por uma das janelas da frente de sua casa para se convencer de que ninguém a procuraria. Ninguém.

Desde que tinha debutado, alguns meses antes, a porta da frente de sua casa era o portal para o velocino de ouro – ou seja, a própria bem-dotada e maravilhosa Linnet. Rapazes desfilavam, trotavam e passeavam por aquela calçada, deixando cartões, flores e presentes de todos os tipos. Até mesmo o príncipe tinha se rebaixado e feito quatro visitas matinais, uma honra extraordinária.

Mas agora... Aquela calçada se resumia a uma fileira de pedras brilhando sob o sol.

– Não acredito que isso tenha acontecido do nada! – disse seu pai de algum lugar atrás dela.

– Eu *fui* beijada pelo príncipe – respondeu Linnet secamente. – O que talvez não tivesse a menor importância, se a baronesa Buggins não tivesse nos visto.

– Beijos, oras! Beijos não são nada. O que quero saber é por que tem sido noticiado que você está grávida. Grávida de um bebê *dele*!

O visconde de Sundon se aproximou, parou ao lado de Linnet e também olhou para a rua vazia.

– Por duas razões, e nenhuma delas envolve um bebê, o senhor ficará contente em saber.

– E então?

– Na última quinta-feira, eu comi um camarão estragado no sarau de lady Brimmer.

– E? – perguntou seu pai.

– Não passei bem – contou Linnet. – Nem consegui chegar ao toalete. Vomitei no vaso de uma laranjeira.

Ela tremeu só de lembrar.

– Que descontrole da sua parte – comentou o visconde.

Ele odiava processos orgânicos.

– Presumo que o fato tenha sido interpretado como um sinal de parto – continuou ele.

– Não de parto, papai. Da condição que precede o parto.

– É claro. Mas você se lembra de quando a Sra. Underfoot vomitou na sala do trono, quase atingindo Sua Majestade, o rei da Noruega? Não havia nem camarão nem bebê. Todos sabiam que ela tinha bebido demais. Podemos alegar que você estava embriagada.

– Isso resolveria o meu problema? Duvido que haja muitos cavalheiros querendo se casar com uma alcoólatra. De qualquer forma, não foi só o camarão. Foi meu vestido.

– O que tem seu vestido?

– Usei um vestido de baile ontem à noite e, aparentemente, meu perfil passou às pessoas a impressão de que eu estava esperando um bebê.

O pai de Linnet a virou e analisou sua barriga.

– Você não parece nada diferente para mim. Talvez um pouco exposta nos ombros. Precisa mesmo mostrar tanto o busto?

– A não ser que eu queira parecer uma matrona beata – respondeu Linnet com certa aspereza –, sim, preciso mostrar o busto.

– Ora, esse é o problema – retrucou o visconde de Sundon. – Você parece uma cortesã! Que droga, eu disse com todas as letras à sua dama de companhia que você tinha que estar mais recatada do que qualquer outra pessoa no salão. Será que preciso fazer tudo sozinho? Ninguém consegue seguir instruções simples?

– Meu vestido não tinha nada de devasso – protestou Linnet, mas seu pai não estava ouvindo.

– Eu tentei, Deus sabe como eu tentei! Adiei a sua apresentação ao público na esperança de que a maturidade lhe desse serenidade perante o julgamento incontestável da alta sociedade, dada a reputação da sua mãe.

Mas de que adianta a serenidade se o seu decote indica que você é uma sem-vergonha?

Linnet suspirou.

– O caso não teve nada a ver com um decote. O vestido que eu usei ontem à noite tem...

– O *caso!* – repetiu seu pai, erguendo a voz. – Eu criei você sob os princípios mais rigorosos...

– Não *caso* no sentido de aventura amorosa – interrompeu Linnet. – Eu me refiro ao desastre que foi causado pelo meu vestido. Veja, ele tem duas anáguas e...

– Quero ver – exigiu o visconde de Sundon, interrompendo-a também. – Vá colocá-lo.

– Não posso colocar um vestido de baile a esta hora da manhã!

– Agora! E mande sua dama de companhia descer aqui também. Quero ouvir o que a Sra. Hutchins tem a dizer em sua defesa. Eu a contratei justamente para prevenir esse tipo de situação. Ela transmite uma imagem puritana tão petulante que eu confiei nela!

Então, Linnet foi colocar o vestido de baile.

Ele tinha sido confeccionado para ser justo na altura dos seios. Pouco abaixo, as saias eram repuxadas para trás, exibindo uma combinação de uma bela renda belga. A saia, por sua vez, também era repuxada para trás, exibindo uma terceira camada, feita de seda branca. O desenho parecia deslumbrante no esboço da loja de madame Desmartins. E, quando Linnet o tinha colocado na noite anterior, achara o efeito lindo.

Mas agora, enquanto sua aia ajustava todas aquelas saias e a Sra. Hutchins supervisionava, o olhar de Linnet parou exatamente onde sua cintura deveria estar – mas não estava.

– Céus! – disse ela, um pouco sem ar. – Eu realmente pareço grávida. – Ela se virou para o lado. – Veja como fica estufado. São todas essas pregas bem aqui, debaixo dos meus seios. Eu poderia esconder dois bebês embaixo desse pano todo.

A aia, Eliza, não se arriscou a emitir uma opinião, mas a Sra. Hutchins não teve essa discricção.

– Acho que não são as anáguas, mas o seu busto – afirmou ela.

Sua voz era levemente acusadora, como se Linnet fosse responsável pelo tamanho de seus seios.



Para Linnet, a dama de companhia tinha o rosto de uma gárgula. Sua aparência fazia as pessoas pensarem na igreja medieval, em todo o seu fervor religioso pétreo. O que, provavelmente, era o motivo pelo qual o visconde a tinha contratado, é claro.

Linnet se virou novamente para o espelho. O vestido, de fato, tinha um decote profundo, o que ela, francamente, considerava bom, dada a quantidade de jovens que pareciam não conseguir erguer seus olhos acima do queixo dela. Aquilo os mantinha ocupados e dava a Linnet licença para sonhar acordada, imaginando estar em outro lugar que não um salão de baile.

– Você é bem-dotada demais – continuou a Sra. Hutchins. – Tem muito volume em cima. Isso, somado à maneira como esse vestido fica estufado, faz parecer que você está esperando uma boa-nova.

– Não seria *boa* para mim – ponderou Linnet.

– Não nas suas circunstâncias.

A Sra. Hutchins pigarreou. Ela pigarreava da maneira mais irritante que Linnet já ouvira. Indicava, como a jovem havia descoberto nos últimos meses, que ela estava prestes a dizer algo desagradável.

– Por que é que nós não percebemos? – choramingou Linnet, frustrada, interrompendo a dama de companhia antes que ela pudesse expor sua crítica. – Parece tão injusto, perder minha reputação e, quem sabe, até mesmo minha chance de casar, só porque este vestido tem pregas e anáguas em excesso.

– A culpa é do seu comportamento – respondeu a Sra. Hutchins. – Você devia ter aprendido com o exemplo de sua mãe que, se agir desse jeito espetado, as pessoas acharão que você é promíscua. Nos últimos meses, tentei, da melhor forma possível, dar conselhos de boas maneiras, mas você não me deu ouvidos. Agora, precisa colher o que plantou.

– Meu comportamento não tem nada a ver com este vestido e o efeito dele no meu corpo – retrucou Linnet.

Ela raramente se dava ao trabalho de examinar a si mesma no espelho. Se tivesse simplesmente olhado com atenção, se tivesse virado de lado...

– É o decote – insistiu, teimosamente, a Sra. Hutchins. – Você parece uma vaca leiteira, com o perdão da comparação.

Linnet não estava interessada em perdoar nada, então a ignorou. As pessoas deveriam alertar do perigo. Uma moça deve sempre se olhar de lado

no espelho quando se veste, do contrário talvez descubra que toda a cidade de Londres, de repente, acredita que ela está esperando um bebê.

– Sei que você não está *grávida* – continuou a Sra. Hutchins, parecendo relutante ao admitir aquilo. – Mas, olhando para você agora, eu jamais acreditaria. – Ela pigarreou novamente. – Se puder aceitar um conselho, eu cobriria um pouco mais o seu colo. Não é decente. Afinal, eu tentei, por diversas vezes, alertá-la nos últimos dois meses e 23 dias em que estou vivendo nesta casa.

Linnet contou até cinco e respondeu secamente:

– Este é o único colo que eu tenho, Sra. Hutchins, e os vestidos de todas as moças têm esse mesmo desenho. Não há nada de especial no meu decote.

– Faz você parecer uma pequena fragata – analisou a dama de companhia.

– Uma o quê?

– Uma pequena fragata! Uma mulher fácil!

– Fragata não é um barco?

– Exatamente, do tipo que atraca em muitos portos.

– Creio que esta seja a primeira brincadeira que você faz comigo – disse Linnet. – E eu pensava que você não tinha senso de humor.

Depois daquilo, os cantos da boca da Sra. Hutchins se curvaram para baixo e ela não falou mais nada. E se recusou a acompanhar Linnet de volta à sala de visitas.

– Não tenho responsabilidade alguma pelo que aconteceu a você – alegou ela. – É a vontade dos Céus, e pode transmitir ao seu pai que eu disse isso. Fiz meu melhor para inculcar princípios em você, mas já era tarde demais.

– Isso me parece muito injusto – respondeu Linnet. – Até mesmo uma pequena fragata deveria ter a chance de atracar em *um* porto antes de afundar.

A Sra. Hutchins arfou.

– Você ousa zombar. Não tem nenhuma noção de integridade! Acho que todos nós sabemos quem é o culpado disso.

– Na verdade, acho que tenho mais compreensão da integridade e do contrário dela do que a maioria das pessoas. Afinal, Sra. Hutchins, fui eu, e não a senhora, quem cresceu com minha mãe por perto.

– E aí está a raiz do seu problema – afirmou ela, com um sorriso sombrio. – Não é como se Sua Senhoria fosse filha de um fabricante de

feltro que fugiu com um funileiro. Ninguém se importa com esse tipo. Sua mãe dançava como um ladrão sob a névoa enquanto todos a observavam. Não era uma cortesã disfarçada. Em vez disso, permitia que o mundo visse sua iniquidade!

– Um ladrão sob a névoa – repetiu Linnet. – Isso é bíblico, Sra. Hutchins?

Mas a dama de companhia apertou os lábios e saiu do quarto.

# Capítulo 2



*Castelo Owfesty*  
*Pendine, País de Gales*  
*Residência dos duques de Windebank*

Piers Yelverton, conde de Marchant e herdeiro do duque de Windebank, estava sentindo uma dor considerável. Ele aprendera havia muito tempo que pensar no desconforto – uma palavra maldita e tola para esse tipo de agonia – era dar à dor um poder que ele não queria aceitar. Então, fingia que não notava o mal-estar e, com um pouco mais de esforço, se apoiou na bengala, aliviando a pressão em sua perna direita.

A dor o deixava irritado. Mas talvez não fosse a dor. Talvez fosse o fato de ele ter de ficar ali perdendo tempo com um idiota.

– Meu filho está sofrendo de diarreia aguda e dor abdominal – explicou lorde Sandys, puxando-o para mais perto da cama.

O filho do lorde estava deitado na cama, esquelético e amarelo. Parecia ter por volta de 30 anos, com um rosto longo e um ar insuportavelmente piedoso. Embora isso talvez pudesse ser reflexo do livro de orações que ele estava segurando.

– Estamos desesperados – disse lorde Sandys, parecendo bastante aflito.  
– Cinco médicos de Londres já o examinaram e trazê-lo aqui para Gales é nosso último recurso. Ele já foi sangrado, tratado com sanguessugas, tomou tintura de urtiga... Não bebe nada além de leite de jumenta, nunca

leite de vaca. Ah, e demos a ele várias doses de enxofre, mas também sem efeito algum.

Aquilo era levemente interessante.

– Um desses imbecis que você consultou deve ter sido o Sydenham – disse Piers. – Ele é obcecado por *sulphur auratum antimonii*. Prescreve até para quem bateu o dedo do pé em um móvel. Recomenda com ópio, é claro.

Lorde Sandys assentiu.

– O Dr. Sydenham tinha esperança de que o enxofre fosse aliviar os sintomas do meu filho, mas não ajudou.

– E nem poderia. Aquele homem foi tolo o suficiente para ser admitido na Faculdade Real de Medicina e isso deveria ser indicativo de algo.

– Mas o senhor...

– Eu me juntei a eles por pura bondade.

Piers olhou para o filho do lorde. Ele realmente parecia bem doente.

– Provavelmente, você não se sentiu muito melhor tendo que se arrastar até aqui para me ver.

O homem piscou para ele e, então, disse devagar:

– Viemos de carruagem.

– Olhos inflamados – observou Piers. – Sinais de sangramento nasal recente.

– O que o senhor conclui disso? Do que ele precisa? – perguntou lorde Sandys.

– De um banho melhor. Ele é sempre desta cor?

– A pele dele é um pouco amarelada – reconheceu o lorde. – Não é herança da minha família.

Aquilo era um eufemismo, visto que o nariz do lorde tinha a cor de uma cereja.

– Você comeu lampreias em excesso?

O homem o fitou como se tivessem brotado chifres nele.

– Lazeia? O que é uma lazeia? Não comi nenhuma.

Piers se endireitou.

– Ele não conhece a história da Inglaterra. Melhor que morra mesmo.

– Você perguntou se ele comeu lampreias? – perguntou lorde Sandys. – Ele odeia peixes e frutos do mar. Não suporta enguias.

– Para ser mais preciso, ele está surdo como uma porta. Henrique I comia lampreias, um dos muitos reis loucos que tivemos neste país, apesar

de não ser tão pirado quanto o atual rei. De qualquer forma, Henrique I era teimoso o suficiente para comer enguias em excesso e morrer por conta disso.

– Não estou surdo! – alegou o paciente. – Posso ouvir tão bem quanto qualquer um, se as pessoas simplesmente parassem de resmungar comigo. Minhas juntas doem. Elas são o problema.

– Você está morrendo, esse é o problema – afirmou Piers.

Lorde Sandys agarrou o braço dele e o puxou para longe da cama.

– Não diga uma coisa dessas na frente do meu filho. Ele não passou dos 32 anos.

– E tem o corpo de um homem de 80 anos. Ele teve relações com atrizes por muito tempo?

O lorde bufou.

– Certamente que não! Nossa família tem uma história que data de...

– Prostitutas? Vagabundas? Meretrizes, cortesãs ou piranhas? Apesar de que “piranhas” traria a questão dos peixes de volta para a conversa e você já me disse que ele não suporta peixes e frutos do mar. Mas e os peixes do tipo feminino?

– Meu filho é membro da Igreja! – esbravejou lorde Sandys.

– Isso explica tudo – disse Piers. – Todos mentem, mas os homens da Igreja transformam a mentira em uma arte. Ele tem sífilis. Os homens da Igreja são assolados por esta doença e, quanto mais religiosos são, mais sintomas têm. Eu devia ter adivinhado logo que vi o livro de orações.

– Não o meu filho – retrucou o lorde, parecendo realmente acreditar naquilo. – Ele é um homem de Deus. Sempre foi.

– Como eu estava dizendo...

– *Estou falando sério.*

– Hum. Bem, se não foi uma vagabunda...

– Nenhuma – garantiu lorde Sandys, meneando a cabeça. – Ele nunca... Ele não tem interesse. Esse garoto é como um santo. Quando tinha 16 anos, eu o levei ao Venus's Rose, em Whitefriars, mas ele não se interessou por nenhuma garota. Só começou a rezar e sugeriu que elas se juntassem a ele, o que não quiseram fazer. Ele é um candidato à santidade.

– Essa santidade está prestes a se tornar uma questão para uma autoridade maior. Não há nada que eu possa fazer.

Lorde Sandys agarrou o braço de Piers.

– Você precisa fazer alguma coisa!

– Não posso.

– Mas todos os outros médicos deram remédios a ele, disseram...

– Eram tolos, que não lhe disseram a verdade.

O lorde engoliu em seco.

– Ele estava bem até os 20 anos. Era um menino bom e saudável e então...

– Leve seu filho para casa e deixe que ele morra em paz. Porque ele vai morrer, quer eu dê a você uma solução de enxofre, quer não.

– Por quê? – sussurrou ele.

– Ele tem sífilis. Está surdo, diarreico, icterico, tem inflamações nos olhos e nas juntas e sangramentos nasais. E, provavelmente, tem cefaleias.

– Ele nunca esteve com uma mulher. Eu juro. Não tem nenhuma lesão em suas partes íntimas, ou teria mencionado.

– Ele não precisa ter estado com uma mulher – disse Piers.

Puxou o jaleco da mão do lorde Sandys e chacoalhou o braço para endireitar a manga novamente.

– Como ele pode ter sífilis sem...

– Pode ter sido com um homem.

O lorde pareceu tão chocado que Piers se apiedou.

– Ou pode ter sido você, o que é muito mais provável. As damas que você visitava quando era jovem infectaram o menino antes mesmo de ele nascer.

– Fui tratado com mercúrio – protestou lorde Sandys.

– A troco de nada. Você ainda tem. Agora, se me der licença, tenho coisas importantes a fazer, como tratar de um paciente que talvez viva mais um ano.

Piers saiu do quarto e deparou com Prufrock, seu mordomo, no corredor.

– Eu me pergunto como você consegue dar conta de tudo – disse a ele.

– Deve ser difícil administrar uma casa quando precisa conduzir seus afazeres nos corredores de modo a poder ouvir cada palavra preciosa que sai dos meus lábios.

– Não considero isso um problema – respondeu o mordomo, seguindo-o.

– São muitos anos de prática. Não acha que foi um pouco duro com lorde Sandys?

– Duro? Fui duro? Certamente que não. Eu disse a ele exatamente o que havia de errado com o filho e o que deve ser feito. Em suma: vá para casa e espere pelo coral de anjos, pois não há milagres deste lado da fronteira.

– É o *filho* dele que está morrendo. E, se entendi direito, foi ele quem passou a doença ao pobre rapaz. Isso, certamente, é um baque.

– Meu pai não teria se importado nem um pouco – garantiu Piers. – Se tivesse outro herdeiro, é claro. Lorde Sandys tem uma ninhada de filhos. Um herdeiro e outros suplentes.

– Como sabe disso?

– A Igreja, seu tolo. Ele colocou esse rapaz na Igreja e parece tê-lo treinado desde que era bem jovem. O herdeiro deve estar se esbaldando nos bordéis exatamente como seu bom e velho pai. Lorde Sandys jamais permitiria que o herdeiro chegasse perto da Bíblia. O rapaz é descartável, o que é excelente, dadas as circunstâncias.

– Seu pai, o duque, ficaria muito perturbado com a ideia de ter passado adiante uma doença dessa natureza – analisou o mordomo.

– Talvez – disse Piers, fingindo considerar a afirmação. – E, talvez, não. Fico surpreso por meu pai não ter se casado com uma menininha pura de 20 anos. Ou 16. O tempo está passando e, nesse ritmo, ele nunca terá outro herdeiro.

– O senhor duque era devotado à senhora duquesa e ficou devastado com os terríveis acontecimentos do passado – disse Prufrock, faltando claramente com a verdade.

Piers não se deu ao trabalho de responder. Sua perna doía como se alguém tivesse enfiado uma barra de metal quente em sua coxa.

– Preciso de uma bebida. Por que você, como um bom mordomo, não se adianta e me encontra com um conhaque forte na porta da biblioteca?

– Continuarei caminhando ao seu lado caso o senhor caia – disse Prufrock.

– Suponho que você tenha fantasias impedindo a minha queda – brincou Piers, dando uma olhada de lado para o mordomo magricelo.

– Na verdade, não. Mas eu poderia chamar um laçao para arrastá-lo pelo corredor. É de mármore, então pode ser que o senhor sofra uma concussão e talvez isso o torne mais gentil com seus pacientes, sem contar com a sua criadagem. O senhor fez Betsy cair no choro novamente esta manhã. Parece pensar que as serviçais nascem em árvores.



Graças a Deus eles estavam se aproximando da biblioteca. Piers parou por um momento, a ideia da amputação pairando em sua mente, e não pela primeira vez. Ele podia conseguir uma daquelas camas egípcias que a própria Cleópatra levava aonde fosse. Caminhar seria bem mais difícil, mas, ao menos, ele estaria livre de sua dor infernal.

– Seu pai escreveu – contou o mordomo. – Tomei a liberdade de colocar a carta em sua escrivaninha.

– Tomou a liberdade de abri-la, provavelmente – disse Piers. – O que ele tem a dizer?

– Ele expressa certo interesse pelo seu futuro conjugal – respondeu, alegremente, Prufrock. – Parece que aquela última missiva que o senhor mandou para ele, aquela que listava todas as suas demandas para uma esposa, não o dissuadiu. Um tanto surpreendente, devo dizer.

– Aquela que o chamava de idiota? – perguntou Piers. – Você leu aquela também, seu gambá pestilento?

– O senhor está bastante poético hoje – observou Prufrock. – Toda aquela aliteração quanto a meretrizes e cortesãs e, agora, para seu humilde mordomo. Garanto que me sinto honrado.

– O que o duque escreveu dessa vez? – quis saber Piers.

Ele podia ver a porta da biblioteca. Quase conseguia sentir o conhaque descendo por sua garganta.

– Eu disse a ele que não aceitaria uma esposa, a não ser que ela fosse linda como o sol e a lua. O que é uma citação literária, caso você não saiba. E acrescentei uma série de outras condições também, condições que, certamente, o fariam espumar de desespero – continuou Piers.

– Ele está procurando uma esposa – respondeu o mordomo.

– Para ele mesmo, imagino. Apesar de ter esperado um pouco demais – disse Piers, sem demonstrar muito interesse pelo assunto. – Homens da idade dele não têm os colhões que costumavam ter, com o perdão da verdade vulgar, Prufrock. Deus sabe que você tem mais sensibilidades que eu.

– Eu tinha antes de começar a trabalhar para o senhor – disse Prufrock, abrindo a porta da biblioteca com um floreio.

Só havia uma coisa na mente de Piers. Era dourada, tinha gosto de fogo e ia sumir com a dor em sua perna.

– Então ele quer uma esposa – refletiu, sem prestar muita atenção ao que dizia.

Foi até o decanter de conhaque e se serviu de uma boa dose.

– Foi um dia péssimo. Não que isso importe para mim, ou para você, no fim das contas, mas não há nada que eu possa fazer por aquela jovem que apareceu na porta dos fundos esta manhã – alegou Piers.

– Aquela que estava com a barriga toda inchada?

– Não é um inchaço comum e, se eu abri-la, vou matá-la. Se não abri-la, a doença vai matá-la. Então, optei pela escolha mais fácil.

Ele virou o conhaque.

– O senhor a mandou embora?

– Ela não tinha para onde ir. Eu a encaminhei para a enfermeira Matilda, com instruções de colocá-la na cama na ala oeste com ópio suficiente para manter a mente dela longe do que está prestes a acontecer. Graças a Deus este castelo é grande o suficiente para abrigar metade das pessoas moribundas da Inglaterra.

– Seu pai – insistiu o mordomo – e a questão do casamento.

Ele estava tentando distraí-lo. Piers se serviu de outra dose; menor, dessa vez. Ele não tinha nenhuma vontade de enfiar a cabeça em uma garrafa de conhaque e nunca mais sair de lá, no mínimo por ter aprendido com seus pacientes que o excesso impediria o conhaque de continuar abrandando a dor.

– Ah, o casamento – repetiu ele obedientemente. – Já estava na hora. Minha mãe se foi há vinte anos. Bem, *se foi* não é bem a expressão correta, não é? De qualquer forma, minha querida *maman* está no continente, vivendo uma boa vida, então, Sua Graça pode muito bem se casar de novo. Não foi fácil conseguir aquele divórcio, sabia? Provavelmente, custou a ele tanto quanto um pequeno imóvel. Ele devia aproveitar a chance enquanto ainda há tempo, ou, em suma, enquanto ainda consegue.

– Seu pai não vai se casar – disse Prufrock.

Algo no tom de voz dele fez Piers erguer os olhos.

– Você não estava brincando.

O mordomo balançou a cabeça.

– Tenho a impressão de que Sua Graça considera o senhor, ou o seu casamento, um desafio. Talvez o senhor não devesse ter listado tantos requisitos. Pode-se dizer que isso atçou a determinação do duque. Deixou-o, por assim dizer, interessado no projeto.

– Não me diga! Ele nunca vai conseguir encontrar alguém. Tenho uma reputação, você sabe.

– Seu título tem mais peso que sua reputação – disse o mordomo. – Além disso, há a pequena questão dos bens do seu pai.

– Provavelmente você tem razão. Maldito seja!

Piers decidiu que conseguiria dar conta de outra pequena dose.

– Mas e a minha lesão, hein? – continuou ele. – Você acha que uma mulher concordaria em se casar com um homem... O que estou dizendo? É claro que uma mulher concordaria com isso.

– Duvido que muitas jovens vissem isso como um problema incontornável – respondeu Prufrock. – Já sua personalidade...

– Maldito seja! – retrucou Piers, mas sem rancor algum.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)